

## JUVENTUDES NA EJA: ENCONTROS E DESENCONTROS NA TRAMA ESCOLAR

Divanir Maria de Lima Reis<sup>1</sup>

Rosemeire Reis<sup>2</sup>

### RESUMO

Este artigo tem como objetivo analisar os encontros e desencontros dos sujeitos jovens-estudantes da Educação de Jovens e Adultos com a trama escolar. Compreende-se trama escolar como a rede de múltiplos saberes e experiências que se corporificam no entremeio dos fios tecidos no cotidiano escolar. Recorre a fragmentos de uma investigação realizada por meio do método etnográfico, em uma escola pública noturna da região agreste do Estado de Alagoas, por um período de dois anos, tendo como referência a seguinte questão: até que ponto a cultura escolar dialoga com as culturas juvenis no contexto da EJA? Para a coleta de dados fizemos uso de observações participantes e entrevistas etnográficas com um coletivo de jovens. O estudo evidenciou que os jovens-estudantes da EJA, participantes da pesquisa, utilizam tanto táticas que reinventam a cultura escolar e mobilizam as culturas juvenis, fortalecendo o sentimento de pertença ao lugar, como outras que perpetuam o discurso do não-lugar das juventudes [adolescentes] na EJA. Isto sinaliza a inexistência de unidade no que diz respeito aos modos como os jovens se veem nesse espaço. A imersão no cotidiano vivenciado pelos jovens revelou

---

<sup>1</sup> Doutora em Educação pela Universidade Federal de Alagoas. Professora das Licenciaturas do Instituto Federal de Alagoas, campus Arapiraca. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0989-9641>. E-mail: [divanir.lima@ifal.edu.br](mailto:divanir.lima@ifal.edu.br).

<sup>2</sup> Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo (USP). Pós-doutorado pela Universidade Federal de Sergipe (UFS) e pela Universidade Sorbonne Paris Nord. Líder do grupo GPEJUV - Juventudes, Culturas e Formação (UFAL). Pesquisadora Produtividade CNPq (PQ2). Professora de graduação e pós-graduação na Universidade Federal de Alagoas (UFAL). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1525-3564>. E-mail: [reisroseufal@gmail.com](mailto:reisroseufal@gmail.com)

recorrências que insinuam ora aproximações/encontros, ora distanciamentos/desencontros entre os estudantes e a escola.

**Palavras-chave:** Juventudes na EJA. Cotidiano. Culturas Juvenis. Cultura Escolar.

## **YOUTHS AT EJA: ENCOUNTERS AND DISAGREEMENTS IN THE SCHOOL PLOT**

### **ABSTRACT**

This article aims to analyze the encounters and disagreements of the young-students of the Youth and Adult Education (EJA) with the school plot. School plot is understood as the network that embodies in the interweaving of the experiences lived in the daily school life. For this, it uses fragments of an investigation carried out using the ethnographic method, in a public night school in the rural region of the State of Alagoas, for a period of two years, taking as reference the following question: to what extent is there a dialogue between the culture of the school and the youth cultures in the context of EJA? For data collection, participant observations and ethnographic interviews were used with a group of young people. The study showed that the Young EJA students, research participants, use both tactics that reinvent school culture and mobilize youth cultures, strengthening the feeling of belonging to the place, as others that perpetuate the discourse of non-place of youth (teenagers) in EJA. This signals the lack of unity with regard to the ways in which young people see themselves in this space. The immersion in the daily life experienced by young people highlighted recurrences that suggest at times similarities/encounters, at other times distances/disagreements between students and the school.

**Keywords:** Youths at EJA. Daily Routine. Youth Cultures. School Culture.

## JUVENTUDES EM LA EJA: ENCUENTROS Y DESENCUENTROS EM LA TRAMA ESCOLAR

### RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo analizar los encuentros y desencuentros de los sujetos jóvenes estudiantes de la Educación de Jóvenes y adultos con la trama escolar. Se comprende por trama escolar la red que se corporifica en el entremedio de los entretejidos del cotidiano escolar. Para eso recurre a fragmentos de una investigación realizada a través del método etnográfico en una escuela pública nocturna de la región agreste del Estado de Alagoas, por un período de dos años, teniendo como referencia la siguiente cuestión: ¿hasta qué punto la cultura escolar dialoga con las culturas juveniles en el contexto de la EJA? Para la recolección de datos hicimos uso de observaciones participantes y entrevistas etnográficas con un colectivo de jóvenes. El estudio evidenció que los jóvenes estudiantes de la EJA, participantes de la investigación, utilizan tanto tácticas que reinventan la cultura escolar y movilizan las culturas juveniles, fortaleciendo el sentimiento de pertenencia al lugar, como otras que perpetúan el discurso el no lugar de las juventudes [adolescentes] en la EJA. Esto señala la inexistencia de unidad en cuanto a las maneras como los jóvenes se ven en ese espacio. La inmersión en el cotidiano vivenciado por los jóvenes reveló recurrencia que insinúan ya sea acercamiento/encuentros o alejamientos/desencuentros entre los estudiantes y la escuela.

**Palabras clave:** Juventudes en la EJA. Cotidiano. Culturas Juveniles. Cultura Escolar.

### INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo apresentar e discutir indícios de encontros e desencontros das juventudes da Educação de Jovens e Adultos em relação aos desafios com os quais se confrontam na escola. Partimos do pressuposto de que nos diferentes espaços escolares ocorrem encontros e desafios entre as culturas das

juventudes da EJA e as exigências da cultura escolar, que tais processos são ora mais intensos ou velados e se corporificam no entremeio dos fios tecidos no cotidiano escolar.

Resulta de um estudo etnográfico, que buscou compreender como se constrói a vida cotidiana dos jovens que estudam na Educação de Jovens e Adultos, sendo este desenvolvido no período de 2013-2017. Os achados foram obtidos por meio da observação participante, e entrevistas etnográficas, realizadas a partir da imersão no lócus da pesquisa, que problematizou: **Até que ponto a cultura escolar dialoga com as culturas juvenis no contexto da Educação de Jovens e Adultos?**

Dessa questão geral, desdobram-se outras, a exemplo de: a construção da vida cotidiana na/da Educação de Jovens e Adultos, agencia as microculturas dos jovens-estudantes na produção de seus acontecimentos culturais? Quais táticas dos praticantes do cotidiano escolar “respondiam” pelos encontros ou desencontros entre juventudes e escola e, conseqüentemente, pelos processos de invisibilização dessas juventudes na Educação de Jovens e Adultos? O lócus empírico foi uma escola pública da Rede Municipal, localizada na cidade de Arapiraca, município do Agreste alagoano, e os sujeitos foram os estudantes e professores que estudam/lecionam na EJA, no referido contexto.

Cotidiano compreendido a partir dos postulados teóricos do historiador e teólogo francês Michel de Certeau (2012) como um caleidoscópio carregado de “invenção”, recriação e reinvenção. Esse entendimento tenciona romper com a visão, muitas vezes, hegemônica do senso comum que confere ao termo um sentido de repetição. Nessa direção, partimos do pressuposto de que os sujeitos agem em meio a um campo minado, e regulado da cultura escolar, e nesse sentido, constroem/criam “táticas” cotidianas - as mil e uma maneiras de fazer-, que os possibilitam experienciar a vida dentro da escola, trazendo as suas culturas juvenis. Inferimos que as invenções agenciam mecanismos que se aproximam das culturas e das redes de sociabilidade dos sujeitos, nesse caso, aqueles implicados nos processos educativos, especificamente na EJA.

As culturas juvenis compreendidas como expressividades dos jovens, são constitutivas da cultura escolar, enredadas por seus

múltiplos saberes e experiências, refletem seus modos de ser e são expressas coletivamente mediante a construção de seus estilos e formas de vida, materializadas em práticas híbridas que, por vezes, caminham na contramão da ordem instituída. Nesse sentido, a cultura escolar configura-se como o conjunto das práticas que retratam as formas de ser próprias da escola enquanto instituição socialmente marcada por seu caráter conservador, de tradição funcionalista e desenhada historicamente a partir de determinações externas, as quais a situam como organização de ensino ritualizada e portadora de uma identidade homogeneizadora.

A curiosidade epistemológica pelo estudo das juventudes, e suas culturas, assente no fato de que entendemos os jovens na/da EJA como sujeitos de direitos, que enredam múltiplos sentidos, e atribuem a escola papel preponderante na conquista dos seus planos de futuro. É que neste espaço, é também pululam as diversidades, e expressividades étnico raciais e de gênero, bem como os tensionamentos oriundos das relações intergeracionais, o mundo do trabalho, entre outros. É nesse lugar que reside a pesquisa aqui apresentada, na presença dos jovens que chegam “cada vez mais jovens na educação de jovens e adultos”, fenômeno conhecido como o “rejuvenescimento da EJA” (BRUNEL, 2008).

Para tanto, em busca de “responder” as questões de pesquisa, e alcançar o objetivo proposto, lançamos mão do método etnográfico, que vem nos possibilitando investigar o processo de juvenilização da EJA, e permitindo que tenhamos acesso ao “avesso da escola” (ARAÚJO, 2003), ou seja, desnaturalizar o óbvio, e perceber nas brechas da cultura escolar, *táticas* materializadas na *transgressão*, na *reinvenção* do lugar e dos sujeitos - os “passantes do cotidiano” (CERTEAU, 2012). Assim, desconfiemos da lógica estabelecida, movimentando-nos nas profundezas da cultura escolar, intencionando a captura dos sentidos que os sujeitos atribuem as suas experiências na escola.

O texto está estruturado em três partes. Na primeira apresentamos os pilares que fundamentam nossas análises: a perspectiva histórica focando a entrada dos jovens na EJA e para tanto lançamos mão de alguns elementos contextuais que nos ajudam a compreender esses sujeitos na contemporaneidade. Em

seguida, na segunda parte, discorremos sobre os caminhos da pesquisa, destacando as observações e entrevistas etnográficas como instrumentos de coleta de dados, ao passo que caracterizamos um grupo de sujeitos da pesquisa – jovens estudantes da EJA, por meio da entrevista coletiva realizada com estes, à medida que discutimos como se deu essa aproximação e como essa categoria começa a ser pensada a partir de suas culturas.

Na terceira parte, discute-se o acontecimento da sala de aula – entendida como microssistema onde pode acontecer “tudo”, inclusive “nada”, buscando apresentar possíveis encontros e desencontros entre as culturas juvenis e a cultura escolar, materializadas em ações que ocorrem no interior desta, trazendo, para tanto, dados coletados durante as observações, e focalizando as “táticas” dos “sujeitos ordinários”, a partir do cotidiano deste espaço. Por fim, são apresentadas as considerações finais.

## **OS JOVENS NA EJA: Olhares entre o passado e o presente**

A juvenilização da Educação de Adultos (EDA) ou de Jovens e Adultos (EJA), não é um fenômeno recente, de modo que no tempo presente tem-se avistado esses sujeitos com mais preocupação, tendo em vista o crescimento das pesquisas sobre as juventudes no campo educacional a partir do início do século XXI. A história, nesse sentido, traz elementos que denunciam a negação do direito dos jovens nas políticas públicas, na agenda política e nos discursos de consolidação da instrução/educação dos sujeitos trabalhadores ao longo dos anos no território nacional.

Entretanto, numa retomada histórica, pode-se perceber tal presença desde os idos dos anos de 1940, quando da emergência das “primeiras políticas públicas nacionais destinadas à instrução dos jovens e adultos,<sup>3</sup> implementadas a partir de 1947, quando se estruturou o Serviço de Educação de Adultos (SEA) do Ministério da

---

<sup>3</sup> Mesmo não estando legitimada a terminologia Educação de *Jovens* (grifo nosso) e Adultos no Brasil, alguns teóricos como Di Pierro (2008), Haddad (2008), Paiva (2003) e outros, em alguns momentos utilizam-se do termo. Acreditamos que já havia o intuito de marcar a existência dos sujeitos jovens na educação, instrução, escolarização das pessoas adultas, como se predispunham a nomear.

Educação”(DI PIERRO, et al., 2008, p. 25), não por obra do acaso, mas movido pelas preocupações provenientes dos dados do censo de 1940, que evidenciou o descaso existente, há décadas, com a educação das pessoas jovens e adultas, o governo brasileiro implantou a Campanha Nacional de Educação de *Adolescentes e Adultos* (CEAA), onde se visualiza o processo de juvenilização da EDA, nos *adolescentes*, terminologia usada como sinônimo de juventude, numa definição demográfica, visto que, as discussões perpassavam a explicação psicológica do ser adolescente; compreensão que antecede a sociologia e sua contribuição à conceituação do que viria a ser o jovem, nos fins da década de 80 do século XX.

Mesmo que invisibilizadas nas adolescências, quando da implantação do Movimento Brasileiro de Alfabetização (Mobral), Ribeiro *et. al.* (1999) vai nos mostrar que mais de 60% de sua população nas turmas de alfabetização, possuía idade inferior a 20 anos, tornando evidente a marcante presença dos jovens na escolarização dos adultos trabalhadores.

Historicamente, a construção da categoria juventude foi/é atravessada por múltiplos olhares, o que nos traz a compreensão de que ser jovem, em determinados contextos socioculturais, nada significava e quando tinha algum sentido, geralmente era de sujeitos sob os quais deveriam recair os *olhares dos adultos* tentando prevenir um mal maior. Tal concepção tem se perpetuado no processo de negação das juventudes na EJA. Os jovens por vezes são concebidos como “os que não deveriam estar na EJA porque não são adultos” e “não deveriam estar na educação diurna porque não são crianças”, segundo alguns discursos que referendam as juventudes etariamente, como sujeitos transitórios, vivendo uma “*passagem*” rumo a vida adulta e produtiva.

Na contramão do processo de negação das juventudes na educação dos trabalhadores, o texto da VI Confitea (BRASIL, 2009, p.29), alerta para o fato de que:

O Brasil ainda é um país que possui parcela considerável de jovens, e dessa cultura é preciso dar conta. Grupos jovens têm questões próprias, ligadas a formas de ser e de estar no mundo, de expressar suas juventudes, suas culturas, seus desejos e

sonhos futuros. Essas formas de ser, são constituídas, também, na luta cotidiana, no mundo do trabalho e da sobrevivência, na exposição às vulnerabilidades sociais, à violência. [...] O reconhecimento de maciça presença de grupos etários integrantes da categoria histórica jovem, de juventudes, nos processos educacionais, imprime também a necessidade de foco sobre esses sujeitos nas ofertas educativas [...] onde formas e padrões homogêneos conflitam, exigindo acolher a discussão de juventudes, do tempo de vida adulta e de velhices, no plural.

Está proclamado do documento final da VI Confinteia (BRASIL, 2009) o chamamento à sociedade brasileira quanto ao reconhecimento dos “jovens e suas culturas”, de suas “formas de ser e de estar no mundo”, alertando para o fato de que suas características precisam ser consideradas nas “ofertas educativas”, o que vem corroborar com o que preconiza o Art. 37 da LBD, em seu parágrafo 1º, quando afirma que, “os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos *jovens* e aos adultos, [...], *oportunidades educacionais apropriadas*, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho, [...]” (BRASIL, 1996). (Grifo nosso). O não atendimento a esse imperativo legal, desemboca na perpetuação da negação das identidades juvenis no seio da EJA.

Notadamente, são outros tempos, outros espaços e os coletivos juvenis continuam desafiando a escola nessa “segunda chance” que dão ao sistema de ensino de “enxergá-los”. (ANDRADE, 2009) e assim “encará-los como sujeitos que são, que interpretam o seu mundo, agem sobre ele e dão um sentido à sua vida” (DAYRELL, 2011, p.65; REIS, 2021, p. 181). Para compreender os desafios desses novos atores no cotidiano da EJA na atualidade realizamos uma pesquisa etnográfica que descrevemos de modo breve a seguir.

## **DAS OBSERVAÇÕES E ENTREVISTAS ETNOGRÁFICAS**

Considerando que o ato de observar constitui-se o primeiro momento de qualquer pesquisa, especificamente da pesquisa antropológica, entendemos que esta precisa ser entendida como um



processo que deve possibilitar a compreensão da vida cotidiana, no nosso caso, do cotidiano escolar da Educação de Jovens e Adultos. Nessa direção, a estada no campo de investigação se deu a partir de um mergulho no cotidiano da escola<sup>4</sup>.

Assim, percebemos que a caminhada na pesquisa etnográfica perpassa essencialmente pela capacidade do pesquisador-observador se posicionar no seio da comunidade estudada, não no sentido de ser igual ao outro, mas reconhecendo-se como ser cultural, ou seja, o sujeito que estuda espaços e práticas culturais, estabelecendo uma relação de empatia necessária à aceitação e participação desse pesquisador no campo, do contrário, como afirma Flick (2009, p.210), não seria possível capturar a “perspectiva interna do campo estudado, e, ao mesmo tempo, sistematizar o status do estrangeiro”. Exercício duplamente desafiador, visto que, como afirma Michael (2009, p.53), “a observação participante não é propriamente uma técnica de coletar dados, mas sim o papel do etnógrafo para facilitar sua coleta”. Logo, observar é função primeira e contínua na prática etnográfica.

Observar requer atenção ao contexto atentando para a emergência dos acontecimentos que serão selecionados e observados em maior profundidade, é o momento em que se dá a “ocorrência” bem como sua incidência e reincidência (CAVALLEIRO, 2010).

Sob as bases da teoria ecológica (BRONFENBRENNER, 2002), reafirma-se a escola como espaço de múltiplas culturas conectado de forma interdependente por seus diversos sistemas. Disso decorrem as tantas formas de constituição e ocupação desse espaço e, conseqüentemente, as múltiplas possibilidades de leitura do mesmo.

---

<sup>4</sup> Ressaltamos que ficamos na escola entre os meses de agosto de 2012 e maio de 2015, tendo em vista o período de realização da tese de doutorado, da qual, este artigo apresenta alguns achados. Ao todo foram 115 dias de um “mergulho com todos os sentidos” naquilo que almejava pesquisar (ALVES, 2001, p.16), fazendo uso dos seguintes procedimentos de pesquisa: Observação participante da escola de um modo geral e das salas de aula, em particular com anotações no diário de campo etnográfico; Entrevistas etnográficas -coletiva e individual- como “conversas cordiais”; Fotografia. Nos limites desse artigo, traremos dados apenas das observações e entrevistas etnográficas, que caracterizamos neste tópico.

Desse modo, reitera-se que, o que se diz e o que se tem a dizer nestes escritos acerca da escola pesquisada resultam da tessitura possível a partir dos fios que puderam ser alcançados no emaranhado das teias que enredavam a trama do cotidiano escolar e, nesse sentido, a escola como espaço aberto, continua[rá], ao alcance de outros fios, outros olhares, outras lentes, outras leituras, outras interpretações.

Politicamente, assumiu-se neste texto a atitude de buscar o “avesso” da escola, ou seja, as práticas invisibilizadas, [des]autorizadas, [des]territorializadas, submersas nas profundezas da cultura escolar. São as táticas quase invisíveis dos praticantes, responsáveis pela reinvenção do cotidiano escolar das quais resultam os **acontecimentos** que nos interessam.

O “acontecimento” entendido a partir dos postulados teóricos do filósofo Gilles Deleuze (2008, p.218) que o compreende não apenas como “processos de subjetivação”, mas como algo novo, como processos que “se elevam por um instante” e que segundo o autor “é este momento que é importante, é a oportunidade que é preciso agarrar.” E assim foi feito. Os momentos em que as táticas eram visualizadas foram “caçados”, “garimpados” e “agarrados”, porque eram esses momentos – acontecimentos – que interessavam no momento em que tentávamos compreendê-lo. Práticas ignoradas que “escapam do planejamento” (GALLO, 2007), produzidas na circularidade (GINZBURG, 2013; TURA, 2000, 2002), nas interconexões que privilegiam culturas plurais, híbridas, globais, levando em consideração os atores e suas multiplicidades.

Com base nisto, a partir de um olhar acurado no/do que acontecia na escola, buscaram-se as primeiras influências, os significados dessas práticas para seus praticantes, as experiências, as minúcias, os detalhes, os sintomas, enfim – os “indícios” – .

## **NO MICROSSISTEMA DA SALA DE AULA: Observações e entrevistas etnográficas acerca do lugar onde “tudo” acontece, inclusive “nada”**

Entendemos o cotidiano escolar como um trama complexa, enredado por acontecimentos insurgentes, que astuciosamente “[...]”

em meio às situações do dia a dia, entre os fragmentos da vida vivida” vai se tornando lugar praticado, usado, habitado como assevera Ferraço (2003, p.81). Assim, na tentativa de captar esse movimento, ousamos dizer que entramos em um dos microssistemas da escola, que se constiuiu, no nosso entendimento, na sala de aula, dando destaque, portanto, às conexões que se dão no interior deste espaço e as relações de interdependência com outros microssistemas do contexto mais imediato dos sujeitos, a exemplo da família, do trabalho, dos vínculos afetivos e das relações de amizade, entre outros.

Nesse sentido, temos em vista que a sala de aula é um espaço onde se opera o “acontecimento microssistêmico” (BAGANHA; MATOS, 2003), isto é, não obedece mais a uma lógica prescrita na/pela cultura escolar, é um “caldeirão onde fervilham” formas únicas de convivência, “táticas” gestadas nas/pelas relações que emergem nesse/desse lugar, a exemplo das dimensões que foram se insinuando no/do material de campo, as quais evidenciavam a sala de aula na/da EJA como: (i) o lugar do “encontro” e da “aprendizagem”; (ii) o não-lugar dos jovens “*de menor*” e de produção da “*geração sem-sem*”<sup>5</sup>; (iii) o lugar do silêncio e da “*zueira*” como táticas de resistência; (iv) o lugar da produção do gosto pela escola, mas não do gosto pelos estudos e (v) o lugar da reinvenção astuciosa dos sujeitos docentes na/da EJA.

Os acontecimentos ratificam processos de [não] identidade dos diversos sujeitos na/com a sala de aula enquanto microssistema e sua aparente homogeneidade. Situações em que as culturas dos estudantes e a cultura da escola/a cultura escolar, em contínua circularidade chocam-se e produzem tanto encontros quanto desencontros nesse lugar praticado.

Os possíveis fios que tecem as redes cotidianas e entrelaçam juventudes e escola, puderam ser enxergados, práticas que podem ser tocadas em virtude dos movimentos constantes que produzem

---

<sup>5</sup> A “*geração sem-sem*”, é a categorização ao coletivo dos jovens adolescentes, caracterizados como pessoas “*sem interesse, sem perspectiva, sem objetivo, sem lugar na educação de adultos*”.

as ações culturais [...], inserem criações nas coerências legais e contratuais. Inscrevem trajetórias, não indeterminadas, mas inesperadas, que alteram, corroem e mudam pouco a pouco os equilíbrios das constelações sociais” (CERTEAU, 2012, p.250).

Criações que, durante a estada no campo, puderam ser percebidas em situações como: (i) mobilização das culturas em diálogo com as práticas escolares fosse na sala de aula ou para além desta; (ii) nas práticas de sala de aula quando se podia observar a circularidade entre as culturas promovendo diálogos entre os sujeitos nas situações de trabalho com os conteúdos escolares e sua relação com as práticas sociais mais amplas; (iii) no processo de identidade que se estabelecia entre os estudantes e a escola quando compreendiam a importância dos estudos na/para a consolidação de seus planos de futuro e na relação com o mundo do trabalho; (iv) na preocupação de alguns docentes em possibilitar uma maior aproximação entre o mundo da escola e a vida dos estudantes, entre outras questões que sinalizavam para a construção de uma vida onde as práticas possibilitam idas e voltas, reconstruções e processos de validação das juventudes na/da EJA. É o que podemos ver nos acontecimentos eleitos para a escrita desse artigo.

Tendo em vista a entrevista coletiva, acredita-se que esta possibilitou um maior diálogo, um processo de interação mais sólido entre os jovens, e com eles oportunizando ao entrevistador investigar os universos juvenis, suas culturas e posições em relação à escola. Nos processos de negociação para estruturação dos momentos das entrevistas coletivas, constatou-se a resistência por parte de alguns estudantes quando sugerido que os estudantes “*de menor*”<sup>6</sup> das duas turmas se juntassem em uma das salas de aula da escola.

Foi possível perceber que do discurso dos jovens emergia um distanciamento, uma não identidade com seus pares. Não se tratava apenas de uma separação organizacional e geográfica entre as turmas, mas da construção de um sentimento de “diferença”, pois, mesmo que aproximados etariamente, essas diferenças urgiam entre

---

<sup>6</sup> A expressão “*de menor*” fora utilizada para o recorte das juventudes adolescentes, aqueles com idade entre 15 e 17 anos.

eles a ponto de alegarem *"vou nada para aquela sala, ali só tem bagunceiro"*, ou ainda quando diziam *"quero nada sair da minha sala, vou pra lá de jeito nenhum."* Desse modo, apesar das práticas não diferirem das dos demais jovens, os estudantes da Turma "B"<sup>7</sup> não se reconheciam junto a seus pares.

Os poucos estudantes *"de menor"* presentes na Turma "B" referendavam o discurso da adultez e da velhice quando diziam *"naquela sala só tem maloqueiro, lá eu não aprendo nada, é um barulho que ninguém aguenta"*. O discurso da *"organização das turmas"* por idade se assentava no pressuposto da necessidade de melhor estruturar o processo de ensino aprendizagem.

Apesar disto, a primeira entrevista etnográfica coletiva aconteceu no dia 20 de outubro de 2014 em uma sala de aula da escola e contando apenas com os jovens da Turma A, visto que os jovens da Turma B não compareceram, e objetivou a promoção do diálogo entre os jovens mais jovens na/da EJA buscando levantar as percepções/impressões sobre si, sua comunidade e a escola e assim mapear alguns dos elementos constitutivos de suas culturas.

Assim, a constituição do coletivo juvenil que compôs o grupo de discussão possibilitou uma maior liberdade, sendo que após muitas conversas entre eles o coletivo jovem se automeceu como *"jovem aprendiz"* e, dado o recorte das juventudes adolescentes, foi possível identificar o coletivo de discussão do tipo *"geracional"*, aquele que traz em seu bojo as *"características comuns de um mesmo grupo etário, muitas vezes em contraposição às gerações mais velhas"* (WELLER, 2006, p.246).

A entrevista durou 70 minutos. O coletivo era formado por treze (13) estudantes com idade entre 15 e 17 anos, sendo nove (9) homens e quatro (4) mulheres, os quais em sua grande maioria moravam nos bairros e comunidades próximas a escola. Grande parte deles já trabalhava em atividades como ajudantes de pedreiro, domésticas, vendedoras, ajudantes de mecânica entre outras.

Um coletivo que, apesar de sua homogeneidade etária, posicionava-se de diferentes formas quanto à estada na EJA. De um lado estão os que se sentiam deslocados, acreditavam ser vistos

---

<sup>7</sup> A turma "B" era composta, na sua maioria, pelos jovens maiores de 18 anos de idade.

como *"bagunceiros e desinteressados"* e de outro lado, aqueles que por já trabalharem acreditavam que a EJA *"dá mais certo"*.

As expressões *"avoadinhos"* e *"quietinhos"* como categorização da heterogeneidade dos estudantes na/da EJA emergiram nessa primeira conversa com a fala de uma das alunas jovens, quando demarcou as subdivisões que permeiam o grupo dos estudantes. A jovem se referia às diferenças entre eles quanto à posição que ocupavam de participantes ou não nas/das aulas e quanto às formas de se verem e serem vistos pelos professores e os demais profissionais da escola.

Heterogeneidade que evidencia agrupamentos que se destacam, como o subgrupo dos *"comedidos"*, *"os quietinhos"*, os estudantes de perfil silencioso, tímido, calado e quieto, os mais reservados, não gostam de se colocar em público por isso são de pouca conversa, o que não significa que não participem ou mesmo não se interessem pelas aulas, como comentaremos adiante.

É importante dizer, ainda, que os jovens e suas culturas plurais que desordenam a estrutura e a organização instituída, como bem disseram Garbin, Azevedo e Dal Moro (2013), foram o subgrupo que mais contribuiu com a entrevista apesar de muitas vezes se dispersarem e/ou mudarem o centro de interesse rapidamente.

É possível perceber a gestação de desencontros na produção da vida escolar na/da EJA quando os discursos adultos referendam uma separação *"naturalizada"* entre as juventudes. Separação não só arquitetônica *"cada idade em uma sala"*, mas uma separação simbólica, a qual demarca os territórios e evidencia o distanciamento até mesmo físico entre as pessoas jovens e as pessoas adultas, consubstanciando a existência de dois mundos dentro de uma mesma escola e do processo de escolarização.

Encontros e desencontros que se corporificam nos depoimentos dos nativos em várias situações, a exemplo de: (i) os sentidos que conferem à sala de aula e as relações que os conteúdos escolares arquitetam com seus planos de futuro; (ii) o lugar do encontro com os amigos, com os professores *"da mesma faixa etária"*, das parcerias, de aprender *"no termo escolar e na vida"*, do recomeço, mas também o lugar do *"cansaço"*, do *"cochilo"*, da *"opressão"*, da *"perda de tempo"*, onde *"nada de interessante acontece"*; (iii) da

produção das diferenças [não só etárias] entre os estudantes e do arquétipo do “*bom aluno*”, aquele que tem ou não lugar na EJA; (iv) o lugar das fugas – a exemplo do “*banheiro*”, dos silêncios, das risadas, das resistências, das transgressões, das múltiplas linguagens; enfim, (v) o lugar da reinvenção do ser professor na/da EJA que, astuciosamente, reconfigura sua formação e as práticas cotidianas operadas no campo minado da cultura escolar.

A sala de aula, portanto, revela-se como um lugar múltiplo, polissêmico, ao qual são atribuídos “diferentes significados para um mesmo território” (DAYRELL, 2009, p.144), que influem diretamente sobre as formas de perceber esse espaço e as práticas cotidianas nele engendradas. Dessa forma, a aula é vista como microsistema, espaço das ocorrências intercambiadas nas redes tecidas pelos sujeitos, redes não preditas, como fluxos imprevisíveis que reordenaram “o tempo e o espaço da instituição” não um tempo fixo, “mas o tempo e o espaço dos sujeitos na sua imediata realidade”. (BAGANHA; MATOS, 2003, p.85). Espaço em que predomina a fixidez característica da vida na escola como “mundo social”, em contraposição aos elementos das culturas juvenis que se desprendem das amarras dessa solidez, desembocando em outros usos da língua, outros papéis, outras formas de ser estudante.

É possível perceber nas falas dos estudantes, durante as entrevistas etnográficas, as táticas dos sujeitos ordinários e de como estas se estendem da escola aos processos educativos mais amplos, a exemplo (i) das relações de amizade/afeto e da formação de vínculos na escola e para além dela; (ii) da crença em Deus, na escola e no seu papel na superação da atual condição de trabalhadores ou não; (iii) da importância do trabalho como categoria fundante dos/nos estudantes na/da EJA e (iv) dos [dis]sabores da dupla jornada – trabalho e escola.

Algumas dessas táticas podem ser vistas quando os estudantes referendam a estada na EJA a partir da força que se estabelece com a construção das relações de amizade/afeto e a formação de vínculos entre eles e com seus professores, o que acaba sendo responsável por aliviar a difícil tarefa de “trabalhar e estudar”, mas como afirma uma das estudantes “*a noite estudo e saio com meus amigos para me divertir, pois ninguém é de ferro*”.

A consolidação dos vínculos na EJA acaba se tornando uma das condições fundamentais à permanência dos estudantes na escola, o que pode estar atrelado à necessidade de construção e valorização das imagens de si como pessoas capazes de alcançarem seus objetivos, por isso essa categoria emergente nas narrativas dos estudantes tem lugar privilegiado em suas falas, conforme podemos perceber nas narrativas abaixo:

Meu dia a dia é assim cheio de pessoas que não gostam de mim, mas tô nem ai pros outros[...]meu dia a dia na escola é muito bom porque [...] ainda converso com os professores, vejo meus colegas até pessoa da minha família, na escola tem muitas fofocas boas, muitas risadas e é na escola que eu me distraio, é na escola que eu aprendo a pensar pra depois agir... na escola tenho muitos colegas que gosto muito de conversa, tirar brincadeiras (Estudante A);

[...] Momentos importantes da minha vida, meus amigos, meus professores, pessoas que marcaram na minha vida nesses dois anos, [...] que nunca vou esquecer (Estudante B);

[...] momentos muito bons com meus novos amigos e [...] que jamais serão esquecidos ficará registrado aqui nesse grupo [...] e sem esquecer meus professores (Estudante C);

[...] só vou falar de amizade tenho muito orgulho de ter do meu lado pessoas maravilhosas [...] pessoas como vocês jamais serão esquecidas (Estudante D).

Percebe-se ao longo das narrativas dos estudantes a relevância atribuída à construção dos laços de afeto que mobilizam os estudantes na/da EJA, a ampliação da crença na possibilidade de ascensão social dada a fé em Deus e a superação do estado presente, bem como a construção de um futuro melhor a partir da contribuição da escola na consolidação de seus projetos de futuro.



Ao observar o microsistema da sala de aula e os intercâmbios nele tecidos, foi possível capturar o acontecimento “Fazendo Arte”<sup>8</sup>, abaixo descrito:

O professor de arte entra na sala, sorri para os estudantes e os cumprimenta com boa noite, arruma seu material sobre a mesa de trabalho, posiciona-se em frente à turma e começa a falar do desafio que trouxera para a aula desse dia e diz: “gente, como os conteúdos dessa unidade falam sobre fotografia e cinema, trago para vocês a proposta de fazermos uma exposição fotográfica. Uma exposição virtual, onde vocês serão os fotógrafos. Vamos aproveitar uma das redes sociais mais usadas pela maioria de vocês, o facebook. Vocês não vão fazer redação, mas vão falar do tema com as imagens”.

E continua o diálogo com turma dizendo: “a gente vai trabalhar com a internet, a fotografia. Vamos fazer uma conexão da tecnologia com a arte. O cinema e a fotografia”. É possível perceber nas práticas e falas do professor uma concepção de “currículo como criação cotidiano”, conforme defende Inês Oliveira (2012), ou seja, um currículo construído pelos sujeitos *pensantespraticantes* nas/das escolas. Vejamos mais alguns fios dessa trama tecida nesse cotidiano da aula de Arte:

O professor rememora o trabalho feito com o impressionismo e sai explicando à turma que “o trabalho visual quem se apropriou dele foi a tecnologia, ou seja, a captação da imagem, não mais o artista imaginando, mas uma imagem como é proposta, como a imagem aparece e é nesse aspecto que a gente vai partir pra falar da fotografia. Diante do desafio apresentado, alguns estudantes

---

<sup>8</sup> O acontecimento analisado, efetivou-se numa quinta-feira, 11 de dezembro de 2014, é a segunda aula da noite, 19h50min. Turma “B” a sala dos “*quietinhos*”, onde predominam os estudantes “adultos”. Nessa noite tinham doze (12) estudantes, sendo sete (7) mulheres e cinco (5) homens, dispostos na sala bem próximos ao quadro e a mesa do professor.

se preocuparam em como fazer as fotografias e postá-las devido a alguns problemas como não ter um bom celular ou não ter conta no facebook, mas o professor os acalmou dizendo que criará um grupo no face e todos poderão fotografar com base na temática escolhida, *Minha vida, Meu lugar*.

As exposições fotográficas dos estudantes retrataram os processos de vida que se constituem em seus cotidianos, seja no convívio com família ou amigos ou em momentos de confraternização, festas, passeios e idas à igreja, ou seja, seus cotidianos. São práticas que atravessam a vida e se movem pelo mundo do trabalho, dos vários relacionamentos, dos estudos, das atividades de lazer e culturais, entre outras. Práticas culturais juvenis em diálogo com as tecnologias, nos novos usos dos “artefatos tecnológicos portáteis”, (GARBI, AZEVEDO, DAL MORO, 2013), e dos “aparelhos móveis de comunicação e informação”, (SIBILIA, 2012), associando essas tecnologias à velha conhecida câmera fotográfica, e tudo isto em conexão com uma das redes sociais mais presente entre “os nativos digitais”. Abaixo, podemos observar mais alguns trechos desse acontecimento que mobilizou a turma:

O professor deixou claro que poderiam “fotografar pontos legais da cidade, da sua rua, do seu bairro, enfim, deveriam fazer um roteiro do que seria fotografado e que a atividade seria “uma mobilização das experiências”. Informou ainda que poderiam fotografar os problemas da saúde, a fila do ônibus, a falta de atendimento, por que “a fotografia é um meio de expressão, de denúncia. Vocês farão as fotografias de acordo com o tema”.

Apesar das “gracinhas” de uns, das discordâncias e/ou resistências de outros, o professor seguiu firme em seu propósito de possibilitar aos estudantes “expressarem o pensamento” e serem autônomos em seu processo criativo a partir da definição do roteiro e das fotografias que comporiam cada “exposição fotográfica”. A proposição tornou-se um desafio aos estudantes e ao professor que trabalhava no sentido de tornar evidente o que ele chamou de “aprendizagem significativa”, a preocupação de trazer o “sentido” das

práticas. Uma aprendizagem que possibilitasse “relacionar as questões da vida com os conteúdos escolares.

O acontecimento buscou, no emaranhado da cultura escolar, um momento que tivesse “sentido para vida das pessoas”, que trouxesse uma “significação” daquilo que se fazia. A aula de arte tecida fio a fio pelo professor promoveu a relação entre o saber escolar e as práticas sociais, as culturas dos estudantes em movimentos de aproximação com a rua, a família, as práticas religiosas, o trabalho e assim por diante.

Fazendo arte foi o acontecimento que nasceu da ressignificação do trabalho com os conteúdos escolares engendrados numa lógica em que a vida salta para dentro da escola e já não há limites para as práticas, sejam físicos, geográficos e/ou institucionais, pois o mundo da vida e o mundo da escola se fundem no mundo real, habitado pelos estudantes [jovens ou não] na/da Educação de Jovens e Adultos, desinvisibilizando-os.

Os estudantes que, sustentados pela “lógica da inseparabilidade” (SILVA, 2008), entre o mundo da escola e a satisfação de seus desejos, apropriam-se e reelaboram o saber escolar atribuindo a este um status de vida, dada a conexão com outros microsistemas mobilizados na aula, como por exemplo, a casa, a família e o trabalho.

Por alguns instantes, o tempo da aula, a muralha que separa o ser jovem do ser aluno, rui e nesse instante, o acontecimento “que escapa ao controle”, dos mecanismos de poder na/da escola, engendra novas formas de estar nesse lugar vigiado, desembocando em práticas que denotam o “gosto pela escola e pelos estudos”, pois estar na escola é uma “experiência” única, como diria Larrosa (2002). Experiência que nos atravessa “nos passa, nos acontece, nos toca”, algo que se torna parte das vidas dos sujeitos estudantes e se concretiza em práticas outras, algumas delas alheias à escola e a ordem própria de sua cultura.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Neste texto, que teve como objetivo apresentar e discutir indícios de encontros e desencontros das juventudes da Educação de

Jovens e Adultos em relação aos desafios com a escola, a partir de um olhar etnográfico do cotidiano deste lugar, pode-se afirmar, em primeiro lugar, que não é possível o enquadramento do cotidiano como algo prescrito, mas sim a leitura deste e da vida que nele/dele resvala, sabendo que o grande desafio consistiu, para nós, em revelar a vida cotidiana que se movia na textura da aparente rotina de todos os dias. Em outra perspectiva, procuramos localizar os acontecimentos que emergiam do/no lugar praticado da/na escola e como esses produziam os (des)encontros que tanto interessava enxergar.

Em se tratando dos questionamentos postos pela pesquisa é possível inferir que, na tessitura dos diálogos com a empiria, constatou-se que a construção da vida no/do cotidiano escolar dos jovens na/da EJA contribui para a compreensão dos (des)encontros produzidos nesse espaço, no momento em que evidencia os “acontecimentos” que emergem como táticas dos sujeitos ordinários, os quais, por vezes, agenciam, ou não, as culturas juvenis na construção/invenção desse cotidiano e, dessa maneira, respondem pela invisibilização dessas juventudes.

Em busca de “avesso da escola” o estudo permitiu o mergulho no cotidiano reinventado por seus praticantes, “esquadrinhando” as táticas do fraco no terreno do forte resultantes das astúcias dos sujeitos ordinários operadas nas práticas do desvio, responsáveis pela reconfiguração das práticas e pelo pulular de outras “maneiras de fazer” corporificadas nos “acontecimentos culturais”.

O acercamento da realidade estudada possibilitou-nos enxergar as microestruturas de produção da vida cotidiana na/da escola penetrando as sinuosidades dessa vida, percebendo desse modo, como se processam as formas de ser e estar dos jovens vivendo a condição de alunos.

Desse modo, tentamos fazer falar as dimensões da vida escolar “que a modernidade emudeceu”, num mergulho em pequena escala, explorando os meandros da vida cotidiana, e descobrindo as revoluções invisíveis, encerradas nas práticas aprisionadas na cultura escolar. Investigando as especificidades da escola e de sua cultura, em que se dão as interações astuciosas dos praticantes do lugar, mas não nos desvencilhando do “mergulho em grande escala”, isto é, na

dimensão mais ampla da cultura, na qual são produzidas as normas que “ditam” as estruturas do trabalho na escola.

Na captura dos detalhes da vida cotidiana na/da escola, acabamos “cheirando” os cheiros da realidade, “sentindo” a variedade de gostos e “apanhando” as linguagens e insignificâncias do cotidiano, em nossas viagens peregrinatórias pela escola, mergulhando com todos os sentidos, em todas as direções.

Com base nisso, é importante enfatizar, ainda, que a etnografia como método próprio das pesquisas antropológicas, no campo da pesquisa em educação, sinalizou com algumas pistas que promoveram uma maior “aproximação” com o espaço pesquisado, a partir de suas bases teórico-metodológicas, o que autorizou à atitude etnográfica necessária à produção do estranhamento mandatário da dupla tarefa do etnólogo de transformar o familiar em exótico e inversamente, o exótico em familiar alcançado pelo olhar treinado, desenraizando-nos de antigas verdades.

As culturas juvenis, como expressividades cotidianas e constitutivas da cultura escolar, refletem os modos de ser e as experiências sociais dos jovens, seus estilos e formas de vida, materializados em práticas híbridas, por vezes, desautorizadas pela ordem instituída, são culturas que, quando urdidas nas profundezas da cultura escolar, promovem intercâmbios que desafiam a escola a reconfigurar-se.

Os encontros e desencontros entre juventudes e escola, inquietação que moveu a investigação, foram “capturados” na estada no campo, ao acompanhar a rotina de cada dia, fosse ao observar, conversar, entrevistar; o que, na verdade, possibilitou enxergar como e onde as táticas eram operadas, que sentido tinham para “os fracos”, “os ordinários”, “os praticantes” e como contribuiriam para compreender esses (des)encontros.

Os achados etnográficos trouxeram à superfície do cotidiano desde práticas inventoras do sentimento de não pertencimento a um lugar historicamente destinado aos adultos, desencontros tecidos por fios que alinhavaram o estereótipo da “geração sem-sem”, os jovens “de menor”, os “sem lugar” na EJA e promoveu diferenças geracionais e culturais entre os estudantes. Por outro lado, eclodiram táticas que reinventaram “os modos ser e de fazer” na/da escola, encontros entre

os coletivos juvenis e a escola, nos acontecimentos intercambiados nos mais diversos “sistemas”, especificamente na sala de aula, os quais conferiam sentidos às práticas escolares e às relações estabelecidas entre os conteúdos escolares e os planos de futuro dos jovens, confirmando a escola como o lugar do encontro com os amigos, com os professores e com a aprendizagem, mas também das fugas, dos silêncios, das risadas, das resistências, das transgressões, das múltiplas linguagens, enfim, da reinvenção astuciosa dos sujeitos estudantes e professores na/da EJA.

Nesse sentido, não há uma unanimidade entre os jovens ao tratarem sobre seus processos de escolarização na EJA, ou seja, há os que se mostram autorizados a ocupar seus lugares e estabelecem vínculos sólidos nesse espaço, entretanto, outros não se sentem reconhecidos, não conseguem se encontrar, apesar da alegação de que “gostam da escola, mas não gostam de estudar” à noite porque “estão cansados”, porque os “conteúdos são mais fáceis”, “não tem as atividades que tinha de dia” ou ainda porque sentem falta dos colegas que ficaram “de dia”. Isto sinaliza a inexistência de unidade no que diz respeito aos modos como os jovens se veem nesse espaço, contudo, revelaram-se recorrências que insinuam ora aproximações/encontros, ora distanciamentos/desencontros entre os estudantes e a escola.

## REFERÊNCIAS

ALVES, N. Decifrando o pergaminho – o cotidiano das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In: OLIVEIRA, I. B.; ALVES, N. (Orgs.).

**Pesquisa no/do cotidiano das escolas** – sobre redes de saberes. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. p.13-38.

ANDRADE, E. R. Os jovens da EJA e a EJA dos jovens. In: OLIVEIRA, I. B.; PAIVA, J. (Orgs.). **Educação de Jovens e Adultos**. Rio de Janeiro: DP&A, 2009. p.35-43.

ARAÚJO, M. S. Cenas do cotidiano de uma escola pública: olhando a escola pelo avesso. In: GARCIA, R. L. (Org.). **Método: pesquisa com o cotidiano**. DP&A, 2003. p. 213-224.

BAGANHA, F.; MATOS M. Ordens e desordens no cotidiano da escola. In: CORREIA, J. A.; MATOS, M. (Orgs.). **Violência e violências da e na escola**. ed.851. Edições Afrontamento/CIEE. Porto, 2003. p.83-87.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. **Documento Nacional Preparatório à VI Conferência Internacional de Educação de Adultos (VI CONFINTEA)**. Brasília: MEC; Goiânia: FUNAPE/UFG, 2009.

BRASIL. Lei nº 9.394, 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional, **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9394.htm). Acesso em: 30 ago. 2015.

BRONFENBRENNER, U. **A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2002.

BRUNEL, Carmem. **Jovens cada vez mais jovens na educação de jovens e adultos**. Porto Alegre: Mediação, 2008.

CAVALLEIRO, E. S. Considerações sobre a etnografia na escola e prática investigativa sobre as relações raciais e de gênero. In: WELLER, W. PFAFF, N. (Orgs.). **Metodologias da pesquisa qualitativa em educação: teoria e prática**. Rio de Janeiro: Vozes, 2010. p.271- 278.

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. 18. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

DAYRELL, J. T. A juventude e a Educação de Jovens e Adultos: reflexões iniciais – novos sujeitos. In: SOARES, L. GIOVANETTI, M.; A. GOMES, N. L. (Orgs.). **Diálogos na Educação de Jovens e Adultos**. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011. p.53-67.

DELEUZE, G. Política. In: DELEUZE, G. **Conversações**, 1972-1990. ed.34. São Paulo, 2008. p. 209-218.

DI PIERRO, M. C.; VÓVIO, C. L.; ANDRADE, E. R. (Coord.). **Alfabetização de jovens e adultos: lições da prática**. Brasília:

UNESCO, 2008. Disponível em:

<http://unesdoc.unesco.org/images/0016/001626/162640por.pdf>.

Acesso em: 10.01.10

FERRAÇO, C. E. Eu, caçador de mim. In: GARCIA, R. L. (Org.). **Método: pesquisa com o cotidiano**. Rio de Janeiro, DP&A, 2003.

GALLO, S. Acontecimento e resistência: educação menor no cotidiano da escola. In: CAMARGO, A. M. F.; MARIGUELA, M. (Orgs.).

**Cotidiano escolar: emergência e invenção**. Jacintha Editores. 2007. p. 21-40.

GARBIN, E. M.; AZEVEDO, D. M.; DAL MORO, M. B. Culturas juvenis: (des) ordenamentos e (des) encaixes nos currículos escolares contemporâneos. In: TRAVERSINI, C. S. et al. (Orgs.). **Currículo e inclusão na escola de ensino fundamental**. Porto Alegre:

EDIPUCRS, 2013. p.209-224. Disponível em:

<http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/Ebooks/Pdf/978-85-397-0376-0.pdf>. Acesso em: 05 fev. 2015.

GINZBURG, C. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela inquisição**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

LARROSA, J. Notas sobre a experiência e o saber de experiência.

**Revista Brasileira de Educação**. Nº 19. Jan/Fev/Mar/Abr 2002.

Disponível em:

[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S141324782002000100003&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S141324782002000100003&script=sci_abstract&tlng=pt). Acesso em: 10 out. 16.

MICHAEL, A. **Etnografia e Observação Participante**. Porto Alegre. Artmed, 2009.

OLIVEIRA, I. B. **O currículo como criação cotidiana**. Petrópolis, RJ: DP et Alii: FAPERJ, 2012.

RIBEIRO, V. M. M. (Coord.). **Educação de jovens e adultos: ensino fundamental: proposta curricular – 1º segmento**. São Paulo: Ação Educativa: Brasília: MEC, 1999.

REIS, R. Relação com o saber de jovens no Ensino Médio: modos de aprender que se encontram e se confrontam. Paraná: Appris, 2021.



SIBILIA, P. **Redes ou paredes:** a escola em tempos de dispersão. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

SILVA, S. M. Figuras e configurações da estranheza: o mundo da vida e o mundo da escola. **E- Cadernos Ces**, 1, 2008. Disponível em: [eces.revues.org/131](http://eces.revues.org/131). Acesso em: 05 jun. 16.

TURA, M. L. R. Conhecimentos escolares e a circularidade entre culturas. In: LOPES, A. C.; MACEDO, E. (Orgs.) **Currículo:** debates contemporâneos. São Paulo: Cortez, 2002.

TURA, M. L. R. **O Olhar que não quer ver:** histórias da escola. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

WELLER, W. Grupos de discussão na pesquisa com adolescentes e jovens: aportes teórico metodológicos e análise de uma experiência com o método. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.32, n.2, p.241-260, maio/ago.2006.

Submetido em: Julho/ 2021.

Aceito em: Agosto/ 2021.